

O boom industrial

198

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

Puxada pela produção de bens de capital (máquinas e equipamentos) e automóveis, a indústria brasileira fechou o primeiro bimestre com crescimento de 9,2%, o melhor desempenho em oito anos. De acordo com pesquisa divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em fevereiro a produção industrial aumentou 9,7%, na comparação com o mesmo período do ano passado. Em relação a janeiro, houve uma leve queda de 0,5%, considerada pelos economistas como uma acomodação em patamar elevado.

O principal destaque continua sendo a produção de bens de capital, com alta de 25% sobre fevereiro de 2007 e de 19,9% no bimestre (leia quadro). De acordo com Sílvio Sales, coordenador da área de indústria do IBGE, o forte desempenho dessa categoria é o sinal mais positivo dado pelo setor. "É um crescimento muito saudável, bem acima da média da indústria", afirma. Ele explica que o forte aquecimento na produção de máqui-

nas e equipamentos demonstra que as fábricas estão concretizando investimentos no aumento de sua capacidade produtiva, descartando eventuais riscos de desabastecimento.

O crescimento de 9,7% registrado em fevereiro, na comparação com igual período do ano anterior, representa o 20º mês consecutivo de expansão da produção e atinge dois terços de todos os produtos pesquisados. Dessa taxa de expansão, 2,23 pontos percentuais (o equivalente a 23% do total) vieram da alta na produção de veículos. Outros 10% são da produção de bens de capital. "Essa é a melhor notícia. O aumento da produção de bens de capital é o principal indicativo de que há forte expansão dos investimentos no aumento da capacidade de produção", afirma a economista Marcela Prada, da consultoria Tendências.

Na comparação com fevereiro do ano passado, a produção de bens intermediários (aço, produtos químicos, combustíveis) avançou 10,4%, quase o dobro do registrado entre os bens

de consumo (alta de 5,4%). Dentro desta última categoria, os bens duráveis (carros, eletrodomésticos) cresceram 20,7%, enquanto os semi e não-duráveis (roupas, alimentos, medicamentos) avançaram apenas 1%. "O desempenho dos não-duráveis desafia um pouco da média da indústria, mas é uma desaceleração pontual. No bimestre, a alta é mais forte, de 3,5%", explica Sales, do IBGE.

Novo patamar

De acordo com o coordenador da pesquisa, a produção industrial atingiu um novo patamar a partir de outubro passado, situação que vem se mantendo. "A queda de 0,5% em relação a janeiro mostra uma certa acomodação, mas em nível bastante elevado. É um início de ano bastante favorável", afirma. Segundo o coordenador da pes-

quisa, a manutenção da expansão do crédito, o aumento da massa salarial e da confiança dos empresários e consumidores são elementos que apontam para a manutenção do ritmo de produção.

De acordo com o Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (Iedi), a taxa bimestral de 9,2% não representa crescimento explosivo. "O crescimento em bens de capital corresponde a mais do que o dobro do crescimento industrial global, aliado a uma expansão de quase 50% da importação de bens de capital nos primeiros três meses deste ano. Isso confirma a forte evo-

lução da capacidade de produção no país e dispensa ações de política monetária para desacelerar o crescimento da indústria e da economia", sustenta o Iedi em nota divulgada ontem.

Para o consultor do instituto Júlio Gomes de Almeida, o crescimento neste início de ano está "engordado" por taxas baixas de comparação. "No ano passado, o crescimento só se intensificou no segundo semestre. O dado mais realista é o crescimento nos últimos 12 meses, que está em 6,9%, o que já é muito bom", afirma o economista. No ano passado, a indústria cresceu 6%.



Indicadores por categoria

Categorias de uso	Fevereiro x Janeiro	Fevereiro/07 x Fevereiro/07	1º bimestre	Acumulado nos últimos 12 meses
Bens de capital	+3,1%	+25,0%	+19,9%	+20,0%
Bens intermediários	-0,2%	+10,4%	+9,2%	+5,8%
Bens de consumo	-2,3%	+5,4%	+6,8%	+5,5%
Duráveis	+0,9%	+20,7%	+18,1%	+11,7%
Semi e não-duráveis	-3,9%	+1,0%	+3,5%	+3,6%
Indústria em geral	-0,5%	+9,7%	+9,2%	+6,9%

Fonte: IBGE

Valdo Virgo/Especial para o C8